

Conversações do VIII ENAPOL

ASSUNTOS DE FAMÍLIA, seus enredos na prática

Buenos Aires • Setembro 2017

2. Assuntos de família no inconsciente

Responsável EOL: Nora Silvestri

Participantes: Susana Amado, Catalina Bordón, Fedra Cavanna, Carolina Dagnino, Osvaldo Delgado, Jorge Faraoni, Daniela Fernández, Beatriz Gomel, Adriana Lafogiannis, Jackie Lejbowicz, Rosana Manghi, Julio Riveros, Inés Szpunt, Diana Furcada

Os assuntos de família no inconsciente: seus enredos na prática, irei considerá-los, a partir de três perspectivas diferentes no ensino de Lacan:

- A) O inconsciente freudiano e o nosso
- B) O inconsciente é Baltimore ao amanhecer
- C) O inconsciente é Tokio

A) O inconsciente freudiano e o nosso

Lacan¹ nos fala da aproximação referida ao cálculo infinitesimal, para introduzir o inconsciente ligado à repetição e sua causa, sendo função do inconsciente apresentar o evanescente Um da falha. Apoiar-se nessa função para formular o estatuto ético e não ôntico do inconsciente. Freud deixa de lado tal estatuto, razão pela qual Lacan irá procurar a paixão que o obnubila. Freud dá valor de verdade ao desejo do pai e é nessa direção por onde aparecerão os assuntos de família no inconsciente. Lacan se pergunta porque Freud, contraditoriamente, em *Traumdeutung*, quando formulou o estatuto do sonho como realização do desejo, apresenta o angustiante sonho: *Pai, não vês que estou queimando?* Freud verifica o sonho como realização de desejo, ao interpretar o anseio do pai de que o filho ainda viva. Lacan nos adverte que é outra realidade que se repete indefinidamente em um despertar nunca alcançado, a realidade da falha do encontro possível que conecta o inconsciente com a pulsão, fazendo do sonho o inverso da representação. Procura recuperar o caráter enganador

¹ Lacan J., *El Seminario, libro 11. Los cuatro conceptos fundamentales*. Buenos Aires: Paidós. 1990, pp. 27-33.

do sonho no inconsciente, tal como Freud o havia considerado e realçao outro lado do pai, esse que o queima quando a sexualidade está em jogo.

Ao colocar no lugar da causa o pecado do pai, Lacan relaciona Hamlet com Édipo:

[...] O pai, o Nome-do-Pai, sustenta a estrutura do desejo junto com a da lei –mas a herança do pai, Kierkegaard nos a designa: é seu pecado.

¿De onde surge o espectro de Hamlet, senão do lugar de onde nos denuncia que foi surpreendido, imolado na flor de seu pecado? E de modo algum dá a Hamlet as proibições da Lei que podem fazer que seu desejo subsista, senão que em todo momento o assunto gira em torno de um profundo questionamento desse pai ideal demais.²

Lacan recupera a relação freudiana entre o desejo e o objeto perdido como sua causa e nos mostra no sonho:

[...] Somente no sonho pode se dar este encontro único, [...] pois ninguém pode dizer que é a morte de uma criança–salvo o paien quanto pai-quer dizer, nenhum ser consciente.

[...] a verdadeira fórmula do ateísmo não é *Deusestá morto*–apesar de fundar a origem da função do pai em seu assassinato, Freud protege o pai– a verdadeira fórmula do ateísmo é *Deus é inconsciente*.³

Lacan sustenta sua interpretação nas inconsistências do ser, ea orientação pelo real se faz presente na construção do conceito do inconsciente lacaniano, não semo desejo do analista, quevai formar parte dele.

Lacan nos lembra que na transferência freudiana, a presença do analista é um momento de fechamento do inconsciente,⁴ com o paradoxo que háde esperar a transferência para formular a interpretação. Nó górdio que o analista tem que cortar. Lacan formalizará a transferência com a figura topológica do oito interior,⁵ que representa no plano a borda interior de uma banda de Moëbius, superfície unilateral que homogeneíza exterior-interior, não orientável, que possuiuma só borda.

² *Ibidem*, p. 42.

³ *Ibidem.*, p.67

⁴ *Ibidem.*, pp.131-136.

⁵ *Ibidem.*, p.162.

Com esta topologia, apresenta o inconsciente como uma superfície constituída pelos significantes que por ela circulam, ligada à transferência, por um percurso duplo e assimétrico da demanda em sua repetição, com o que se bordeia o vazio central, onde se delineia o desejo e o objeto *a*.

A repetição esteve velada nas análises porque na tradicional família psicanalítica (IPA), erroneamente, os analistas têm confundido repetição e transferência, produzindo finais de análises com identificações à figura ideal do analista. É necessário romper com o curto-circuito da identificação do ideal com o objeto, porque com ela se recobre o corte que desenha a dupla curva da demanda.

O inconsciente como pulsação temporal, representado com a figura da *nassa*,⁶ encontra seu fechamento pelo papel obturador que cumpre o objeto *a* aspirado em seu orifício.

Se o analista abandona a idealização que recai sobre ele na transferência, pode servir de suporte ao objeto *a* como separador. A transferência leva a demanda à identificação, colocando o analista no lugar de Ideal. Frente ao fechamento do inconsciente, o analista abre os postigos do interior para que o sujeito possa fazer a experiência da intersecção vazia entre o inconsciente e a realidade sexual. Este corte é fundamental na experiência analítica para que inconsciente e realidade sexual se enlacem de outro modo.

Lacan aponta:

[...] Quero dizer que a manobra e a operação da transferência têm de se regular de maneira que se mantenha a distância entre o ponto onde o sujeito se vê a si mesmo amávele esse outro ponto onde o sujeito se vê causado como falta pelo objeto *a* e onde o objeto vem tampar a hiância que constitui a divisão inaugural do sujeito.⁷

Os enredos em nossa prática com o inconsciente lacaniano nos leva a uma interpretação que não se sustenta como Outro do Outro ao pai ideal. Para este inconsciente, a transferência é *do* analista, ao contrário da transferência *ao* analista. É a transferência do desejo *do* analista, esse que transfere o objeto *a* como o vazio que obtura a identificação do sujeito com o objeto tampão que completa o Outro, esvaziamento de um aparente ponto de intersecção que permite àquele que fala fazer a experiência da pulsão, é “depois da localização do sujeito a respeito do *a*, que a experiência do fantasma fundamental se torna a pulsão”.⁸

⁶ *Ibidem*, p.150.

⁷ *Ibidem*., p.278.

⁸ *Ibidem*., p.281.

B) O inconsciente é Baltimore ao amanhecer

A pergunta pelo real nos guiará até a segunda metáfora do inconsciente.

Eric Laurent⁹ nos propõe uma leitura *après-coup* do Seminário VI, *O desejo e sua interpretação*, a partir do Seminário XIX, ... *ou pior*.

Segue uma indicação de Miller, quem sublinha a ruptura introduzida por Lacan nos laços do desejo com o fantasma e o gozo, quando a prática analítica aponta a prescindir da função do Outro do Outro atribuída ao pai do Édipo.

A orientação pelo real vai até a demonstração lógica de um impossível novo no final da análise, o que permitiu a Lacan conceber o passe para além da separação do sujeito barrado e o objeto *a* mais-de-gozar como atravessamento do fantasma, concebendo o final como um destino do gozo impossível de negativizar. Miller o chamará ultra-passe.

Diz-nos que Hamlet apresenta já este gozo porque o desejo que o anima não está suportado no pai. O sujeito que aí falan ão se deduz de nenhum pensamento, não é um sujeito do ser, senão do dizer. No *Seminário XIX*, Lacan fala do Um de existência lógica correlacionado com o gozo “do Um como de um real, e um real que, aliás, bem pode não ter nada a ver com nenhuma realidade”.¹⁰

Vemos Hamlet frente ao corpo morto de Ofélia, instante do S barrado como puro corte ante a perda irreparável do falo como objeto inacessível, que remete ao significante do Outro barrado. O luto não é para Lacan uma perda simbólica, senão algo real que desestrutura o simbólico. Ofélia é uma falsa solução ao problema do desejo. Hamlet tem que se desfazer da referência narcisista para se reduzir em um puro corte. O desejo não encontra nesse ato mais fundamento que o furo mesmo, por isso Hamlet é essencial para situar uma lógica para além do pai. A estrutura do desejo lacaniano não está sustentada no Édipo. Está por fora de toda referência à ordem simbólica, ao Nome-do-Pai. Este é o viés trágico do desejo da subjetividade moderna, encarnado em Hamlet, quem encontra seu desejo no mesmo instante que salta ao túmulo, contabiliza-se nesse instante. Lacan conecta o desejo do sujeito, já não com o Édipo, senão com o que o sujeito não é enquanto falo, seu ser não-Um em relação com

⁹ Laurent É., ¿Qué es un psicoanálisis orientado hacia lo real? *Freudiana* N° 71. Revista de la ELP-Cataluña. Barcelona. 2014. Publicación digital

¹⁰ Lacan J., *El seminario, libro 19. ...o peor*. Buenos Aires: Paidós. 2012, p. 138.

o objeto *a* do desejo. Um de existência lógica relacionado com o gozo que só pode se designar em seu desvanecimento.

Sublinhemos a diferença entre, o Um ligado à ranhura do inconsciente estruturado como uma linguagem que apresenta o sujeito dividido pelo real como presença repetitiva da pulsão, eo Um real da existência lógica correlacionado com o gozo que apresenta o sujeito como puro cortado que Hamlet nos dá testemunho. Laurent nos diz que Hamlet representa a subjetividade moderna, porque é o sujeito que encontra seu desejo no momento de sua desapareição. O laço social atual se mantém na perda do sujeito e não em sua identificação. As massas hipermodernas põem em cena a nadificação dos significantes-mestres ea apresentam um gozo outro. Têm um funcionamento diferente do da *Psicologia das massas*, regulado pela identificação positiva a um traço do Outro. Recorda-nos, seguindo Lacan, que na orientação pelo real faz falta se liberar de todo sentido da história e pensar que o acontecimento como contingência não deve impedir o que se pode calcular a partir de uma perda.

Outra leitura da família no inconsciente que a formula a nossa prática o problema de como cernir a contabilidade de esse não-Um fálico para colocá-lo em relação com o nada que causa seu desejo. Sustentar uma interpretação que, ao mesmo tempo que permite àquele que fala se desentender da história do sentido, cifre o que do gozo se escreve como não-um. Quando o sujeito perde o que instituiu como falo inacessível, o furo real se bordeia com os atos sem pensamento que cifram seu gozo. O que pode ser calculável do gozo não é dizível, mas se escreve como não-todo. Espaço êxtimo que conecta o interior com o exterior, apoiando-se na letra e no significante.

A partir desta lógica, que Lacan antecipa no Seminário VI, Laurent se pergunta, em que lugar fica a interpretação em uma psicanálise orientada para o real? Sublinho de sua resposta a interpretação pela ressonância, a *réson*, fora de sentido, não ordenada por nenhuma garantia e que aponta à substância gozante não articulada no circuito pulsional nem na lógica do fantasma

Lacan, em Sainte-Anne,¹¹ se refere à ressonância entre falaràs paredes e o objeto *a* fora de sentido. Recorda-nos o poema de Antoine Tudal:

Entre o homem e a mulher
Está o amor.

¹¹ Lacan, J., *Hablo a las paredes* (conferencia del 6 de enero de 1972). Buenos Aires: Paidós. 2012, pp. 108-114.

Entre o homem e o amor,
Há um mundo
Entre o homem e o mundo,
Há um muro.

Detém-se neste muro que há entre o homem e o mundo para assinalar que o “entre” quer dizer interposição. O “entre” não é relação, nem recurso, nem reciprocidade ou intervalo, senão que é ao mesmo tempo conflito e mediação. Para falar do amor entre o homem e a mulher retorna com a topologia da garrafa de Klein e a banda de Moëbius.

Estas figuras lhe servem para explicar que o muro é o lugar que produz:

[...] essa volta sobre si mesmo, a que introduziu um dia como significando a junção entre verdade e saber [...] não é um muro: é simplesmente o lugar [...] da castração [...] este muro está em todas partes [...] é o círculo ou o ponto de volta sobre si mesmo em cada um dos pontos...não é intuitivamente representável [...] é o amor como(a)muro [...] porque [...] quando algo se joga seriamente entre o homem e uma mulher sempre se põe em jogo a castração [...] que alcançaremos por vias [...] lógicas e ainda topológicas.

Esta escrita da castração, referida à série, é a que se interpõe entre o saber e a verdade e introduz a dimensão da letra.

Recordamos o que Lacan nos diz¹² da letra, apresenta-a como litura ou litoral, não é uma fronteira concebida como um limite que permite passar de um lado ao outro, não cria dois lugares recíprocos, não são o Um para o Outro. A letra se escreve contando com a noção matemática de limite, que não é um ponto de chegada, senão que define em uma série aquele elemento que a série não poderá incluir. Portanto, a letra não é fronteira que faz que um domínio seja estrangeiro para o outro e se pode passar de um ao outro por atravessamento, se não que impede a reciprocidade e entre saber e gozo. A escrita da letra é a dobra que recorta o sentido do saber que se acumula como gozo.

É um enredo de nossa prática, nos assuntos de família no inconsciente, fazê-lo ouvir o que aí fala, que pode ex-sistir outro amor que aquele que procura o eterno ponto de capitonê de se fazer Um com o Outro, dar lugar a que possa produzir-se a contingência do encontro no fracasso da reciprocidade, nova versão do amor que em sua castração do Um para o Outro,

¹² Lacan, J., *Liturierra. Otros escritos*. Buenos Aires: Paidós. 2012, p. 22.

supre à fortaleza vazia do inconsciente, porque preserva entre o homem e a mulher o espaço do que não fala.

Desdeo posfácio ao *Seminário XI e Lituraterra*, dos *Outros Escritos* de Lacan, Eric Lauren nos propõe voltar à conferência de Lacan em Baltimore¹³.

Nesta¹⁴ Lacan sustenta *quenão há metalinguagem*. Desprende-se do mito para definir o inconsciente e o ponto mais sensível, para ele, é a questão do sujeito da enunciação que não é parte da frase. Diz:

[...] Quando preparava esta [...] conversacelo pela manhã, podia ver Baltimore pela janela e era um momento interessante porque ainda não era muito de dia e um sinal luminoso me indicava muito trânsito e pensei que exatamente tudo oque podiaver, com exceção de algumas árvores, era o resultado de pensamentos... ativamente pensantes, nos quais a função dos sujeitos não era completamente objetiva. Em qualquer caso, o chamado Dasein¹⁵ como definição do sujeito, encontrava-se aí neste melhor intermitente espectador [...] É necessário encontrar o sujeito como um objeto perdido [...] é o suporte do sujeito.

Lacan nos falado sujeito do gozo, o desejo é um limite ao gozo se está coordenado ao par do um com o zero (Frege). Éo um no lugar do zero, para com o qual se inscreve a superfície da cidade de Baltimore, com uma hipótese de sujeito que tem uma noção da unidade não unificadora.

Laurent¹⁶ assinala que Lacan faz um deslocamento da relação do inconsciente freudiano com o tempo à estratificação lógica que ele opera na estrutura. O amanhecer é crucial, “não estamos no espaço do sonho ou de sua «preparação»”. Lacan procura seus pensamentos e “os encontra no exterior, diante dele”:

[...] os pensamentos em ato [...] não reenviam a um sentido definido. Não lhe respondem, não são seu objeto[...], estão no interior como no exterior, já aí -como pensamento, sem que haja uma subjetividade individualizada para se encarregar. Que seja o sonho ou o

¹³ Laurent, É., *Ciudades analíticas*, Buenos Aires: Tres Haches. 2004, p. 214.

¹⁴ Lacan, J., El discurso de Baltimore. Conferencia pronunciada del 18 al 21 de octubre de 1966 en Baltimore. (Inédita).

¹⁵ “Ser”, “aí”, “existência”, conceito fundamentalmente desdobrado por Heidegger para definir o âmbito no qual se produz a abertura do homem ao ser.

¹⁶ Laurent, É., *Ciudades analíticas*, *op. cit.*, p. 203.

trabalho, o espaço do inconsciente é o dos pensamentos já aí em potência ou em ato.[...] O sujeito do inconsciente está em todos os lugares e não adere a nenhum. Está na pulsação mesma do significante, fazendo o tecido mesmo da repetição, tempo superficial que testemunha que o inconsciente é espaço-tempo.¹⁷

Considero que esta definição do inconsciente fora de sentido, com pensamentos em ato, vindo do exterior, ré enviam-nos a Hamlet e a seus pensamentos sem um sujeito que possa responder por eles. Por esta perspectiva, poderíamos dizer que Hamlet é o sujeito do puro corte e seu inconsciente se manifesta na cidade de Baltimore ao amanhecer.

É a cidade que mostra o passe da cidade lida à cidade letra como máquina de refratar o significante, movimento que está presente no ensino de Lacan depois de *Ainda*. Trata-se de considerar o que ele chama de corporização do significante, éo contrário da sublimação. É o significante tornando-se corpo, fragmentando o gozo do corpo e fazendo transbordar o plus de gozo, que aí é virtual...A cidade de Baltimore é ainda um sistema onde um ponto de capitonê poderia funcionar. A identificação fundamental do sujeito se apoia no céu estrelado e não só no traço unário, o sujeito está dividido pela linguagem, mas um de seus registros pode se satisfazer pela referência à escrita e o outro pelo exercício da palavra. A linguagem agarra algo na rede dos significantes do discurso pela escrita que não está nele.

Destaquemos que o sintoma articulado ao não-todo, ao lado feminino, é o espaço enquanto tempo concentrado erigido pela contingência do efêmero, aí se pode contar com a escrita cavando um vazio, “refração que se opõe ao significante como semblante e apresenta o vazio cavado pela escrita”. Nossa prática de discurso tem como agente um objeto de consistência lógica que é o agente de uma transmissão sem palavras e é um enredo de nossa prática como transmitir uma prática do real como irreduzível, como dar lugar ao que não falapara que se possa escutar o mudo de *lalíngua* na linguagem. *Lalíngua* aporta o mudo e a fragmentação, vai no sentido contrário à articulação da linguagem, passa à palavra ainda que não se faz sonoro. Se a orientação pelo real conduz ao sinthoma, o sinthoma produz palavras que são de *lalíngua* de cada um e com isso se faz o laço. Abre-se o campo da palavra porque a lógica subtrai o fônico.

C) O inconsciente é Tokio

¹⁷ Laurent, É., *Ciudades analíticas*, op. cit., pp. 212-214.

Quando se acentua que nada é mais distinto do vazio cavado pela escrita que o semblante, a cidade do inconsciente é Tokio,¹⁸ que se diferencia de Baltimore porque nela um ponto de capitonê ainda é possível.

[...] A cidade de Tokio [...] se apresenta como um sistema regido unicamente pela lógica do não-todo. Não há necessidade do mais um para sustentar o conjunto [...] a tradução se apresenta como sem fim, tentativa de suturar a significação sem poder alcançar uma língua ou uma referência “fundamental” [...] Em [...] Baltimore, o significante pode tomar o corpo como função para desdobrar sua máquina. [No entanto, Tokio, depois da viagem de Lacan ao Japão em 73] o corpo não chega a dar uma função à letra, tenta em vão prover um argumento à função. “Corporiza” sem ponto de capitonê. É o que Lacan chama a “tradução perpétua feita linguagem.”

“A escrita japonesa repercute no significante ao ponto que se rompe de tantas refrações”.

“O corpo se torna porta de entrada do significante vazio de sentido...” Este gozo permanece não negativizável. Itera-se enquanto letra. Trata-se de perturbar a defesa, como indica Miller, para encontrar o rastro da borda de gozo que cerne o objeto *a*. Lacan propõe, então, um inconsciente que inclui a repetição do real como letra e não só como efeito do significante sobre o corpo imaginário.

É o que Miller isolou como o Um sozinho que se repete, a iteração do Um fora de sentido, sem garantias, horizonte de uma psicanálise orientada pelo real. Diz-nos que “o inconsciente no último Lacan [...] é uma teoria que se elabora [...] a partir da psicose”.¹⁹

Retoma o que diz Lacan²⁰ em relação “à identidade sinthomal do que chamamos imprudentemente sujeito”.²¹ Sugere que “a psicanálise se poderia definir como uma entidade sinthomal” quer dizer, que aquele que fala tenha a possibilidade de não se conformar com dizer aquilo que quiseram os outros, não se conformar com ser falado por sua família, senão, ao contrário, aceder à consistência absolutamente singular do sinthoma... “o sinthoma é de outra ordem que a da cifra [...] se fala do uso do sinthoma [...] o sinthoma é um modo operatório distinto ao da interpretação”.

¹⁸ Laurent, É., *Ciudades analíticas*, op. cit., p. 215.

¹⁹ Miller, J.-A., *El ultimísimo Lacan*. Buenos Aires: Paidós. 2013, p. 43.

²⁰ *Ibidem*, pp. 140-145.

²¹ Lacan J., (1976-1977) “El seminario 24. *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*”. (Inédito).

Enquanto à interpretação, diz-nos com precauções, que:

Lacan examina a possibilidade de que só seja um efeito de sugestão [...] o significante e a sugestão se conectam quando se fala de um significante novo. É um significante que pode ter um uso distinto, um uso de sideração [...] Sideração como o oposto à compreensão [...] seria novo, não simplesmente para que haja um significante suplementario senão porque em vez de estar contaminado pelo sonho estaria pelo despertar.²²

²² Miller, J.-A., *El ultimísimo Lacan*. Buenos Aires: Paidós. 2013, p. 145.